

# AS FOLIAS DE REIS NA FESTA DE PIABETÁ – RJ: O ENCONTRO NA FÉ

Renato Mendonça Barreto da Silva

## Introdução

Há desde a década de 1950 vastos estudos sobre as Folias de Reis no Estado do Rio de Janeiro, que transitam entre análises meramente descritivas, investigação sobre as possíveis origens<sup>1</sup>, estudos sobre a imaterialidade dos objetos<sup>2</sup>, aspectos da transmissão do saber geracional e dimensões educativas<sup>3</sup>, assim como, ações políticas e aspectos de sociabilidade com o poder público<sup>4</sup>.

Devo destacar que apesar dos diferentes focos encontrados nas obras produzidas, nenhuma deixou de referendar o aspecto mágico-religioso da Folia de Reis, onde a peregrinação dos Santos Reis Magos do Oriente ao encontro do Menino Deus<sup>5</sup> é comumente ritualizada. Esse rito está centrado no objeto sagrado classificado como bandeira, a ela é creditada toda a significação referente à chegada dos Santos Reis para adoração.

As visitas nas casas realizadas pelas Folias, normalmente percorrendo grandes distâncias a pé, tem a finalidade de transmitir mensagens bíblicas, de paz e conforto, e dialogam com a longa e exaustiva jornada feita pelos Reis Magos, que segundo o mito, batiam nas portas a fim de recolher mantimentos para seguir viagem. Desta forma as Folias de Reis são frequentemente recompensadas, após a reza, com alimentos e ofertas em dinheiro anexados à bandeira em sinal de respeito e devoção aos Santos. Assim diz *Mestre Dadá*<sup>6</sup>: “A bandeira é nossa guia, os *Foliões* sempre devem ficar atrás dela em sinal de respeito, a ela faço todos os pedidos e quem acredita faz também (...) colocando dinheiro se quiser”<sup>7</sup>.

Mas cabe ressaltar que é Jesus Menino o real protagonista que fundamenta a existência devocional da Folia de Reis, é por ele que se peregrina. A figura de Cristo crucificado é um objeto de purificação e proteção, assim como a supracitada bandeira. Esses objetos desempenham um papel de mediação, de extrema importância classificada por Daniel Bitter (2008) como “mediação cósmica”.<sup>8</sup>

Partindo dos estudos de Silva (2006) percebo que o processo de popularização do culto aos Santos Reis do Oriente se prolifera desde a Europa Medieval, passando pela Península Ibérica e firmando tradições no Brasil após o processo migratório em tempos

coloniais. Jesuítas portugueses se apropriaram da dança, do canto e das representações teatrais, como elementos no processo de catequização, desta forma, a participação do povo nos cultos católicos e as (re) interpretações que dão origem as Folias de Reis se configuram também no processo de valorização das imagens e dos objetos rituais.

É a base católica europeia que de fato dá origem a celebração dos Reis em diferentes partes do mundo, porém, em terras brasileiras e tendo a Folia de Reis como recorte no estudo, percebo que a prática ritualística sempre retorna a origem, mas que não é sustentado isoladamente por ela, tendo visto o forte processo de miscigenação e de influências das culturas africanas.

No final do século XVII que Bastide (1971) identifica o surgimento do catolicismo negro, e assume o caráter de uma “baixa hierarquia” quando referendada ao catolicismo branco, que apesar da segregação aponta a “natureza similar” entre ambas. Neste período é que são fortalecidos dentro da comunidade negra Santos com São Benedito, N. S. do Rosário, Sta. Ifigênia, e porque não destacar o possível fortalecimento do Santo Rei Baltazar, componente na tríade de Reis que Adoraram o menino – Deus, ampliando os laços com a estrutura católica, ao mesmo tempo oferecendo novos moldes.

Quando se refere à igreja negra o autor aponta:

Elas se reuniam, na realidade, em torno de um santo de cor, e na dedicação dos fieis a esse santo havia mais que uma ligação mística, o sentimento de uma espécie de afinidade étnica (...) O parentesco leva vantagem sobre o caráter religioso, desespirtualizando o santo, humanizando-o, tornando-o parecido sob todos os pontos com seus irmãos da terra. (BASTIDE, 1960, p. 166).

Através das análises feitas sobre a festa de Piabetá no Rio de Janeiro, avanço no entendimento de como a Folia de Reis assume contemporaneamente aspectos híbridos de existência, como os objetos sagrados de outras religiões dialogam tacitamente e dissolvem as hierarquias históricas, que assumiram aspectos segregacionistas.

### **Festa em Piabetá: Os objetos Rituais em cena**

Piabetá é um bairro no sexto distrito de Magé – RJ cidade que apresenta como município limítrofe Duque de Caxias, que compõem o complexo de municípios denominado: Baixada Fluminense, local destaque no Estado do Rio de Janeiro vide importância econômica, política e histórica. Esta localidade concentra uma pluralidade de manifestações religiosas que se encontram como manifestação da fé, inseridas na Folia de

Reis. Abaixo descrevo o histórico da festa e algumas experiências de campo que elucidam esse encontro.

A festa com os moldes atuais de organização é perpetuada há seis anos por iniciativa do palhaço de Folia de Reis “Manda Brasa”, conhecido como Marquinho. O organizador me relata que Piabetá foi uma cidade que concentrava um número muito extenso de Folias de Reis de diferentes localidades, com uma tradição muito forte, que estava atrelada a figura de “Seu Auzencleve”, Pai de Santo da Tenda de Santa Catarina.

O Senhor “Auzencleve” comandava um terreiro de umbanda, onde uma das principais entidades cultuadas era um Preto Velho conhecido como Vovô Leandro, segundo Marquinhos Vovô Leandro ao invés de ser agraciado com a tradicional festa para Preto Velho, solicitava aos filhos de santo da casa, assim como ao Pai de Santo, a organização de uma festa para Santos Reis do Oriente, tendo como argumento a lembrança das Folias de Reis que ocupavam o espaço da fazenda no tempo em que era escravo.

Essa responsabilidade era anual e datava sempre nos meses de Janeiro como ainda é hoje, as Folias de Reis se encontravam e rezavam seguidamente dentro da casa de santo, “Vovô Leandro recebia sempre as primeiras Folias, mas não ficava em Terra até o final da festa.” Relata Marquinhos.

Com o falecimento de “Seu Auzencleve” a prática de recebimento das Folias foi se extinguindo, as Folias de Reis de Piabetá continuavam com suas práticas devocionais, visitando casas em outros municípios mantendo a tradicional troca de favores entre Folias, mas não concentravam mais festas na Tenda de Santa Catarina.

Até a mobilização de “Manda Brasa” que convence Pai Jorge (Bijuca), - filho de “Seu Auzencleve” e atual Pai de Santo - a retomar a tradição de recebimento das Folias. A prática atualmente não é oriunda da solicitação direta da entidade Preto Velho, mas indiretamente a figura do Vovô Leandro também é rememorada e muitas vezes sentida espiritualmente pelos foliões.

A festa, que antes tinha como principal financiador “Seu Auzencleve”, hoje acontece a partir de doações das pessoas da comunidade. Nos meses que precede a festa, Marquinhos vai de porta em porta pedir doação, mobilizando moradores a participarem da festa.

Hoje Marquinho organiza as Folias que chegam à comunidade e promove uma listagem de moradores que desejam à visita dos Santos Reis, desta forma as folias oriundas de Caxias, Mesquita e Piabetá são distribuídas, realizam um número determinado de

visitas, culminando na Tenda comandada hoje por Pai Jorge, perpetuando a fé na terceira geração.

A fim de acompanhar o processo de visitação das folias escolhi a Folias de Duque de Caxias<sup>9</sup> pelo fato de já conhecer seus *protagonistas* e desta forma ter melhor esclarecimentos nos códigos intrínsecos ao universo do folião de Reis chegada a campo no dia 9 de Janeiro ocorreu de forma independente, Boquinha<sup>10</sup> -Vestido como mestre folião-me encontrou na rodoviária de Piabetá, levando-me ao local dos acontecimentos ritualísticos.

Pude contemplar a séria postura de Boquinha no comando de sua Folia -Reisado Flor da Primavera- no processo de visitação a casa de um devoto. O novo mestre ofertou, aos devotos e a quem acompanhava sua cantoria, uma fita vermelha, afirmando ser a cor que simboliza o martírio de São Sebastião, muitos ficaram agraciados e parabenizaram-no pela prática “inovadora”.

Devo destacar um primeiro ponto de extensão da fé, e de inclusão de elementos interpretativos que compõem a cultura popular. No estado do Rio de Janeiro, São Sebastião é adorado pelas Folias de Reis entre os dias 6 e 20 de Janeiro, devido à importância do Santo como padroeiro da cidade, destaca-se a cor vermelha nas bandeiras de algumas Folias em homenagem. Alguns estudos apontam a influência das Charolas.

A Charola de São Sebastião, que sai no interior após a *Folia* de Reis, no perímetro urbano da cidade do Rio, foi absorvida pelos Reis, compondo um único ritual.[...] Pode-se perceber, claramente, que a unificação da *Folia* e da Charola foi decisiva para sua sobrevivência entre os cariocas que se demonstram muito mais Devotos de São Sebastião, tendo maior fé neste, do que nos Santos Reis do Oriente.<sup>11</sup>

Sobre essa aglutinação de ritos, recordo da fala de *Mestre Rogério*<sup>12</sup> que relembra em anos anteriores onde durante a tradicional cantoria, dentro do terreiro, eles presenciaram a manifestação da entidade denominada Oxóssi, em dos filhos de Santo do terreiro. Segundo o *Mestre* foi um momento de grande comoção dos participantes, “uma emoção muito forte mesmo” afirma Rogério. A emoção em questão só é legitimada, pois Rogério reconhece na figura de Oxóssi do Santo católica São Sebastião, que no Rio de Janeiro, são associados sincreticamente.

Ainda na companhia da Flor da Primavera presenciei o encontro de bandeiras, ritual de grande respeito, onde a Folia dos Marinheiros - oriunda de Piabetá - se encontra com a

Folia comandada por Boquinha. Neste momento observo um fato curioso, onde de forma súbita um dos palhaços da Folia de Piabetá interfere diretamente no processo ritualístico.

As Folias se aproximavam quando subitamente o palhaço Pinga Fogo se interpõe entre as duas bandeiras, dançando notadamente de forma relaxada e despreocupado com o encontro em questão.

Confesso que fiquei eufórico com o desdobramento da situação, pois as bandeiras se aproximavam e o palhaço ainda posicionado no meio. Imediatamente uma foliona e expectadores que conhecem e dialogam com o ritual retiram o palhaço da frente de sua bandeira e o posiciona na lateral esquerda do alferes<sup>13</sup>, curioso que seu companheiro palhaço também o recrimina, saindo da lateral direita da bandeira, indo na direção de Pinga Fogo e mostrando com gestos intensos sua verdadeira localização.

Com o deslocamento do palhaço, as bandeiras se encontram em sinal de respeito, os manipuladores (alferes) do objeto sagrado cruzam as bandeiras e depois as trocam, onde cada folião em sinal de respeito manifesta-se de forma diferenciada, uns retiram o chapéu, beijam as fitas coloridas pertencentes ao objeto, benzem-se com o sinal da cruz, ou realizam os três gestos de forma simultânea. As Folias seguem destinos opostos ao encontro de outra casa.

Percebo um segundo elemento que promove novas significações as Folias de Reis, que está diretamente ligado à figura do palhaço, personagem central que possui com referências bíblicas a comparação com os Soldados de Herodes, que segundo os *protagonistas* são a representação do mal, já que foram os Soldados que tentaram matar Jesus menino a mando do Rei da Judéia.

E, sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho. E, tendo eles se retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José em sonhos, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e fuge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; porque Herodes há de procurar o menino para o matar<sup>14</sup>.

Herodes e o Diabo se equivalem seguindo interpretação popular, desta forma o Soldados acabam sendo servidores do Demônio, o que é facilitado pela reinterpretação católica, pois é uma das principais responsáveis pela categorização de Exu enquanto ser demoníaco, sendo que no processo sincrético, restou a Exu a identificação com o mal, devido às suas características de “traquinas, trapaceiro e brincalhão mensageiro dos deuses iorubás”<sup>15</sup>. São pelos caminhos e encruzilhadas que Exu dos mitos africanos encontra seus

domínios, guardando e protegendo a quem lhe pede, lhe oferta e “paga”; o palhaço da Folia como figura que perambula por diferentes estradas assume a função de protetor, não só da bandeira da Folia como de todo grupo.

Os indivíduos pertencentes à prática da Folia assumem sem constrangimento para si, essa categoria maligna, ficando fácil identificar que o próprio apelido do palhaço supracitado “Pinga Fogo” é de origem dos rituais de umbanda/quimbanda, pois designa entidades denominadas com “Catiços”.

A esse personagem já foi creditado o estado *liminar*, *transitório* e de *ambiguidade*, essas características são alicerçadas pelo fato do palhaço também perpassar pela jocosidade, pois a ele creditado o momento de alegrar os expectadores, com saltos, giros, e versos rimados.

Quando o palhaço e bandeira se encontram é que identifico o momento de tensão entre as subjetividades, pois os Soldados de Herodes ao mesmo tempo em que protege o objeto ritual, não pode estar na sua frente, pois segundo os foliões, os Soldados nunca chegaram até os Reis do Oriente, desta forma se posicionam na lateral ou atrás da bandeira.

Acompanhando outra Folia (Reisado Flor do Oriente de Caxias), pude contemplar relação cósmica da bandeira com o homem. Nesta passagem a Folia cumpria o ritual de reza habitual no interior da residência, quando subitamente aparece Baiano -tocador de caixa- para reintegrar a Folia, todos os Foliões se emocionam com o seu retorno, pois na noite anterior havia sido deixado no hospital em função de um desmaio. Mestre Rogério o posiciona junto à bandeira e agradece aos Santos Reis do Oriente e a São Sebastião pela rápida recuperação de seu Folião.

O caminhar da Folia de Reis é um processo de peregrinação de intensas horas e pernoites levando seus componentes ao limite físico, Baiano me revela que poderia ter voltado para casa, mas precisava cumprir sua promessa. Percebo então que nesse contexto, o penar do corpo é uma condição para alcançar as graças divinas e a bandeira exerce o papel de “mediador cósmico”.

Pai Jorge -Bijuca-, a frente da Tenda de Santa Catarina, recebe as Foliás de Reis por ordem de chegada. A rotina de visitação não difere das encontradas nas residências comuns, após o ritual de cântico para entrar no Terreiro, a bandeira é oferecida a Pai Jorge e ele a encaminha para um local de destaque no interior do Santuário umbandista. Opto por

transcrever os cânticos de chegada da Folia Flor da Primavera e o recebimento de sua bandeira:

“Boa tarde povo presente  
Devotos e Foliões.  
Eu faço minha chegada  
Dando as minhas saudações”

Neste momento Pai Jorge ajoelha diante da bandeira, cobre-se com suas fitas e a beija, retirando-a das mãos da Alferes. Mestre Boquinha continua:

“Arrecebeu” nossa bandeira  
Com Amor no coração  
Com ela eu peço licença  
Para entrar meus “Folião”

Após entrar o Folião prossegue:

“Salve o dono da pedreira  
E do lado seu leão  
Vou saldar seus fundamentos  
E o cruzeiro das almas...”

O aspecto diferenciador entre as visitas feitas em casas comuns e a Tenda de Umbanda, ocorre pela grande quantidade de elementos visuais oferecidos por essa última. Quando o jovem Mestre Folião reverencia o dono da pedreira e seu leão, faz referência ao Santo Católico denominado Jerônimo, que sincretizado na fé de descendência africana relaciona-se com Xangô senhor da Justiça.<sup>16</sup>

O interior da Tenda se destaca pela quantidade de imagens católicas aglutinadas a elementos afro-brasileiros como: os tambores, contas e potes de barro. As bandeiras são posicionadas junto a essas imagens, Pai Jorge se posiciona ao lado da bandeira e a Folia continua a sua cantoria, sempre se servindo dos recursos visuais existentes.

A junção desses elementos visuais não está locada somente no aspecto estético, o simbolismo é alicerce para a arrumação dos objetos, na fala de cada Mestre Folião observo como a apropriação sincrética é fundamental para a legitimação do saber e perpetuação da prática.

Sobre sincretismo utilizo o debate proposto pelo antropólogo francês que se radicou no Brasil, Roger Bastide em *As Religiões Africanas no Brasil*, intitula o IV capítulo da seguinte forma: *Os problemas do Sincretismo Religioso*, o autor aponta que o fenômeno a

ser debatido só pode ser compreendido através das suas relações estruturais, culturais e sociológicas, apesar dos exemplos empíricos apontados por Bastide assumirem uma ligação peculiar, o próprio teórico reconhece que a ideia de “problema” levantado por ele, na verdade trata-se de um “pseudoproblema” visto que o seu referencial de análise tinha tomado como base a.

(...) lógica do pensamento ocidental, baseado no princípio de identidade e da não-contradição – tinha imaginado – que todo sincretismo externo devia corresponder um sincretismo psíquico, quando o negro não percebia as contradições que eu via e que pensei *a priori*, estava ligado. (BASTIDE, R. 1971, p. 374).

Há assim um reconhecimento sobre esse sincretismo enquanto algo não rígido e cristalizado. “É um fato em formação, fluente e móvel, apresentando assimilações diversas conforme as épocas”.

Partido das proposições do antropólogo italiano Canevacci (1996) que entende o sincretismo religioso para além das práticas religiosas, adotando assim, o termo *sincretismo cultural* apontando que: “... O sincretismo atropela, dissolve e remodela a relação entre os níveis alheios e os familiares, entre os da elite e os de massa das culturas contemporâneas.”

17

O que me interessa no conceito de sincretismo e cabe ser destacado, é de fato a dissolução de qualquer arquétipo religioso predeterminado para pertencimento a prática, novas formas são criadas, aquilo que é “que é do outro” acaba lhe sendo próximo, o que fundamenta existência contemporânea de uma manifestação com moldes tradicionais.

### **Concluindo**

A partir da análise da Festa de Piabetá – RJ, não há dúvidas que a dimensão afrodescendente das Folias de Reis pesquisadas, é sustentada pelos próprios *protagonistas sociais* da manifestação, onde na sua maioria são negros e onde alguns pertencem à religião da Umbanda ou Candomblé. O que se torna lúcido é que há um processo de horizontalidade nas práticas religiosas encontradas no interior das Folias de Reis, onde a relação entre São Jerônimo e Xangô é tautológica, por exemplo. O *Mestre* da Folia deverá ser detentor de ambos os saberes para ter êxito em sua reza.

Visualizando a interdependência dos códigos religiosos intrínsecos as Folias de Reis me permitem afirmar que em alguns momentos os códigos e estruturas religiosas se dissolvem e o pertencimento a manifestação cultural será norteadada pela fé.



## Notas

---

<sup>1</sup> Ver SILVA (2006) e SILVEIRA (2009)

<sup>2</sup> Ver Bitter (2008)

<sup>3</sup> Ver FRADE, Maria de Cásia Nascimento. **O Saber do Viver, redes sociais e transmissão do conhecimento**. 1997. 255f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

<sup>4</sup> Ver MONTE-MOR (1992) e SILVEIRA (2009)

<sup>5</sup> A BÍBLIA Sagrada. 2. ed. A visita dos magos. Evangelho segundo Mateus, capítulo 2, versículos 1 – 12.

<sup>6</sup> Dono da Folia de Reis: “Reizado Flor do Oriente”. Localizado em Duque de Caxias - RJ no bairro de Vila Rosário.

<sup>7</sup> Ver BARRETO da SILVA. (2011, p. 45)

<sup>8</sup> “Esses objetos se caracterizam, afinal, por serem profundamente ambivalentes e polissêmicos, realizando mediações nos domínios sociais e cósmicos”. (p. 107).

<sup>9</sup> Folia Flor da Primavera localizada no bairro de Jardim Primavera e Flor do Oriente

<sup>10</sup> Mestre da Folia Flor da Primavera

<sup>11</sup> PERALTA (2000, p.23)

<sup>12</sup> Mestre da Folia “Reizado” Flor do Oriente

<sup>13</sup> Personagem responsável por carregar o objeto santificado (bandeira)

<sup>14</sup> A BÍBLIA Sagrada. 2. ed. A visita dos magos. Evangelho segundo Mateus, capítulo 2, versículos 1 – 12.

<sup>15</sup> PRANDI, R. **Segredos guardados: Orixás na alma brasileira** – São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.83.

<sup>16</sup> “A analogia entre São Jerônimo e Xangô parece bastante evidente, na medida que ambos têm uma forte ligação com a justiça e com as leis que regulam a ordem dentro de um organismo social... ambos têm analogia com o elemento fogo que lhes confere temperamento quente ... Seus altares ao ar livre são construídos sobre rochas (LIGIÉRIO, Zeca. 1998., p. 78)

<sup>17</sup> CANEVACCI, Massimo. **Sincretismo. Uma exploração das hibridações culturais**. São Paulo, 1996 p.13.

---

## Referências Bibliográficas:

### Livro:

A BÍBLIA Sagrada. 2. ed. A visita dos magos. Evangelho segundo Mateus, capítulo 2, versículos 1 – 12. In: A Bíblia Sagrada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BASTIDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil. São Paulo, Pioneira, 1971.

CANEVACCI, Massimo. Sincretismo. Uma exploração das hibridações culturais. São Paulo, 1996.

LIGIÉRO, José Luiz Coelho e DANDARA. Umbanda: paz, liberdade e cura. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 1998.

PRANDI, Reginaldo. Segredos guardados: Orixás na alma brasileira – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Affonso m. Furtado da. Reis Magos: história arte e tradições – fontes e referências. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2006.

### Tese ou Dissertação:

BARRETO da SILVA, Renato Mendonça. Os palhaços da folia de reis Flor do Oriente: Um estudo sobre a imagem e identidade cultural. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BITTER, Daniel. A bandeira e a Máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas *Folias* de Reis. 2008. 202f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FRADE, Maria de Cásia Nascimento. O Saber do Viver, redes sociais e transmissão do conhecimento. 1997. 255f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

MONTEIRO, Ausonia Bernardes. O Palhaço da Folia de Reis: dança e performance afro-brasileira. 2004. 177f. Tese (Doutorado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Teatro, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MONTE-MÓR, Patrícia. Hoje é Dia de Santo Reis: Um Estudo de cultura Popular no Rio de Janeiro. 2002. 183f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

---

PERALTA, Patrícia. A dramaticidade plástica da Folia de reis: Análise das imagens e rituais da *Folia* Manjedoura de Mangueira. (Dissertação de Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

SILVEIRA , Aressa. Rios da. A performance do *Palhaço* e da Folia de Reis no Vale do Paraíba: jogo e ritual – a tradição em transformação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2009.